



Morte

Etimologia: A origem da palavra morte vem do latim, das formas *mortis* e *mors* ou associada ao verbo *mori*, que significar “morrer”, este tem a raiz no indo-europeu *mer(2)-. Este núcleo está associado às formas em sânscrito (*mrtih*), lituano (*mirtis*), irlandês antigo (*marb*), armênio (*meranim*), alemão (**murthran*) ou no anglo-saxão (*morþ*).

Significados:

1. Cessação definitiva da vida ou da existência;
2. Desaparecimento ou fim de qualquer coisa;
3. Sentido figurado: grande pesar ou sofrimento;
4. Destruição, perda ou ruína.



Hypnos and Thanatos, Sleep and his half-brother Death, John William Waterhouse (1874).

Os antigos gregos não acreditavam na ideia de criação, mas de que a vida e o movimento surgiram de um silêncio e um abismo primordial. Do Caos nasceram Érebo e a negra Nix, a deusa da Noite. Nix foi pródiga em fecundidade de criaturas do bem e do mal. Ela deu à luz Moiro, Kera e os gêmeos Thanatos, que representa a morte; e Hypnos, o sono, que tem o poder de regenerar. Thanatos tinha o coração de ferro e as entranhas de bronze. Quando lutou com Sísifo, rei de Corinto, perdeu e foi acorrentado. Com Thanatos preso, ninguém morria e o reino de Hades começou a ficar vazio. Zeus descobriu a trama e interveio para soltar o deus, que foi em busca de punição para Sísifo. Mas Thanatos não significa apenas uma morte material, ele está associado à renovação e aos novos ciclos da vida. “Thanatos é o aspecto perecível e destruidor da vida e está presente em quase todos os ritos de passagem. Toda iniciação passa por uma fase de morte (perda), para que se possa chegar a uma vida nova. Ele extirpa as forças negativas e liberta as energias espirituais.” (D’ASSUMPÇÃO, 2017).



Nix também teve três filhas, as Parcas ou Moiras, responsáveis por tecer o fio da vida e do destino dos homens. As deusas se chamam Cloto, Láquesis e Átropos. Cloto é a responsável pelos nascimentos e partos, ela segura e produz o fio da vida. Láquesis é a que puxa e enrola o fio do carretel e organiza o tempo de cada vida. Láquesis é a imagem do futuro incerto: é ela que corta o fio e determina o fim da vida.



No século XIX, no México, as damas eram estimuladas a se desembaraçarem de suas posses e abraçarem um modo de vida mais austero e simples. No quadro “Este espejo que no te engana”, uma mulher é mostrada em sua versão atual e *post mortem* lembrando que se transformará num esqueleto como os outros. Dividindo o quadro está o tenso fio da vida e provavelmente a mão de Láquesis em via de cortar o fio do destino.



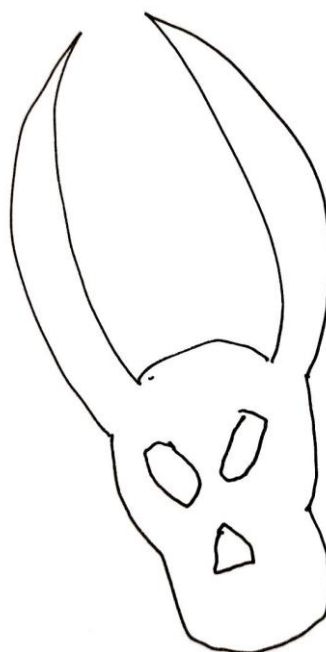
Este espejo que no te engaña, Tomás Mondragón, 1856



No México, a semana do dia 31 de outubro a 2 de novembro é comemorada efusivamente. A festa do Dia dos Mortos é considerada Patrimônio Nacional. Os mexicanos comemoram a visita de seus antepassados à Terra. A ideia é recebê-los com as comidas e bebidas que mais gostavam em vida.

E se somos Severinos iguais em tudo na vida, morremos de morte igual, mesma morte severina: que é a morte de que se morre de velhice antes dos trinta, de emboscada antes dos vinte, de fome um pouco por dia (de fraqueza e de doença é que a morte severina ataca em qualquer idade, e até gente não nascida).

Morte e vida severina,
João Cabral de Melo Neto



Óbito

Significado: Falecimento, momento exato em que se declara a morte de uma pessoa.

E na pandemia?

Para evitar a contaminação de pelo coronavírus muitos rituais importantes para o processo de aceitação da morte foram proibidos. Os acompanhantes são proibidos dentro dos hospitais, os velórios foram suspensos e os sepultamentos feitos em poucos minutos com os caixões lacrados.

“Caso a sua perda tenha sido por Covid-19, faça uma pequena cerimônia simbólica na sua residência, pegue fotos, faça uma carta para a pessoa. Não poupe as crianças, chame-as para participar na medida em que elas apresentarem essa vontade, respeitando e sendo claro com o acontecimento”, sugerem especialistas. “Lembre-se que a dor pela falta hoje é devido ao fato de ambos terem tido bons momentos juntos”, declaram. (*Gente, saúde e bem-estar*)

Fragmentos da prece para uma morte tranquila

Deus amado, entrego-Vos meu corpo.
Se ele servir aos vossos propósitos, então que eu viva.
E se arco do destino chamar-me agora para casa, então
Permiti que eu morra em paz. Deus amado.
Enviai a mim o Anjo da morte quando chegar a minha hora.
Permiti que eu sinta a ternura do Anjo ao deixar este mundo
E penetrar no próximo.
Permiti-me passar das trevas para a luz.
Permiti-me que eu sinta o amor de Deus.
Rogo-vos, consolai a mim e aos que amo.
Agora, enquanto espero, enquanto enfrento meus medos e minha dor.
Permiti que eu veja a verdade e conheça a vossa paz. (WILLIAMSON, 1999, p. 107)

Fontes:

COMO lidar com a morte e o luto na pandemia da Covid-19. In: *Gente, saúde e Bem-estar*. Disponível em: <https://rdsaudeemdia.com.br/como-lidar-com-a-morte-e-o-luto-na-pandemia-da-covid-19/>.

BRUNEL, Pierre (org.). *Dicionário de mitos literários*. Brasília; Rio de Janeiro: UNB; José Olympio, 1997.

D'ASSUMPÇÃO. Evaldo. “Thanatos — A morte na mitologia grega”. *Dom Total*, Belo Horizonte, 05 nov. 2017. Disponível em: <https://domtotal.com/noticia/1204071/2017/11/thanatos-a-morte-na-mitologia-grega/>.

“Morte”. In: *Etimologia: origem do conceito*. Disponível em: <https://etimologia.com.br/morte/>.

“Morte”. In: *Caldas Aulete digital*. Disponível em: <http://www.aulete.com.br/morte>.

“Óbito”. In: *Dicionário online de português*. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/obito/>.

NETO, João Cabral de Melo. “Morte e vida Severina”. In: *Poesia completa e prosa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2008.

ROBLES, Martha. *Mulheres, mitos e deusas*. São Paulo: Aleph, 2013.

WILLIAMSON, Marianne. *Illuminata: pensamentos, preces, ritos de passagem*. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.